

Desconstruindo e reconstruindo com arte: mais um passo para a humanização hospitalar

Deconstructing and reconstructing with art: one further step towards humanizing hospital environment

“Ser criativo implica elaborar, construir novas estratégias diante das situações desconhecidas, desafiar o receio diante do diferente, possibilitar e efetuar modernizações nas relações estabelecidas entre sujeito e seu ambiente.”¹

Introdução

Esse trabalho apresenta um relato de experiência vivenciada através das Oficinas de Arte e Reciclagem que fazem parte das “Ações Interativas do Brincar é Viver”. Mas o que é o “Brincar é Viver”?

Iniciativa dos psicomotricistas educacionais e clínicos Hennriete de Souza e Mello e Eduardo Costa, em parceria com a Faculdade de Educação da UERJ, é um projeto de extensão da EDU/UERJ, que age na interface Saúde/Educação, através da Profilaxia Psicomotora Hospitalar com bebês, crianças, adolescentes, seus familiares e “staff” médico nas enfermarias de pediatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) e do Instituto Estadual de Hematologia Arthur de Siqueira Cavalcanti (HEMORIO).

Como objetivo geral, preconizamos: contribuir para a construção de um olhar/escuta transdisciplinar, onde a pessoa hospitalizada seja vista como singularidade complexa em seu contexto sócio-econômico-cultural, sendo capaz de comunicar-se de modo verbal e não verbal, expressando, a todo o momento, seus desejos e necessidades.

Nossos objetivos específicos são:

- Promover nas enfermarias pediátricas, sistematicamente, assim como, eventualmente em todo o hospital, atividades lúdicas com bebês, crianças e adolescentes, a fim de facilitar a expressão emocional e a ela-

Maira Torres Ruiz Martins¹, Ana Joaquina Antunes Ferreira², Vera Lucia Hernandez de Oliveira³

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência vivenciada através das Oficinas de Arte e Reciclagem que fazem parte das Ações Interativas do Projeto de Extensão Brincar é Viver da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com os usuários e equipe técnica da enfermaria de pediatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE). Destacamos como objetivos principais a intenção de valorizar e resgatar os vínculos familiares e afetivos; criar um espaço de livre expressão que favoreça o alívio da dor e do estresse do paciente e seu acompanhante, promovendo uma melhor aderência ao tratamento. Os resultados demonstraram que as atividades realizadas possibilitaram uma melhora no estado de humor dos usuários, na sua adaptação e ocupação sadia do tempo ocioso e, conseqüentemente, facilitando a manutenção das relações familiares, religando os sentimentos e emoções paralisadas pela situação de hospitalização.

Palavras-chaves: Arte, Humanização, Hospitalização, Pediatria

Área temática: Educação / Saúde
Linha da Extensão: Infância e adolescência.

¹ Transpsicomotricista Educacional e Clínica, Psicóloga; Especialista em Estimulação Precoce (ESEHA); Docente da Pós-Graduação em psicomotricidade & Educação (AEDB); Docente da Pós-Graduação em Psicomotricidade (UCB); Coordenadora Geral do Projeto Brincar é Viver de Profilaxia Psicomotora Hospitalar. (mtruiz@ajato.com.br)

² Artista Plástica, Arteterapeuta – Pós-graduada na Universidade Candido Mendes, Coordenadora de Campo do Brincar é Viver de Profilaxia Psicomotora Hospitalar – Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) (anajoatelier@terra.com.br)

³ Psicopedagoga Institucional e Clínica, Especialista em Psicomotricidade (UCAM), Brinquedista capacitada pela Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBR), Coordenadora Pedagógica da Brinquedoteca do Ambulatório de Pediatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) e Coordenadora de Campo do Brincar é Viver de Profilaxia Psicomotora Hospitalar – Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE). (veralucia@globo.com)

boração psíquica da situação de hospitalização;

- Facilitar a espiral do desenvolvimento e prevenir os transtornos psicomotores, através do brincar e do tocar;
- Favorecer as interações entre pacientes, familiares e staff das enfermarias;
- Auxiliar na adaptação dos espaços e instrumentos utilizados com a criança hospitalizada, em benefício de suas possibilidades de compreensão e harmonia psicomotora.

Além do atendimento nas enfermarias de pediatria, também organizamos e participamos de seminários, cursos, oficinas e eventos como meio de sensibilizar, divulgar, trocar informações e dinamizar a interface com a comunidade acadêmica e a população atendida pela Instituição Hospitalar.

Nesse sentido, e ancorados nos princípios do “Brincar é Viver”, surgiram as “Ações Interativas” com o intuito de ser mais um canal de escuta, de acolhimento e de expressão para os acompanhantes, staff, funcionários e pacientes.

Devemos lembrar que a situação de internação é sempre um momento de muita ansiedade. A criança deve lidar com várias perdas, pois, ela é afastada de sua família, seus brinquedos... ao mesmo tempo, em que entra em contato, com situações que implicam em constante estresse, dor e medo. Essa experiência é acompanhada de perto por sua família, que vivencia o adoecimento, a hospitalização e tudo o que essa situação mobiliza com culpa, desamparo, impotência e o medo de vir a perder seu filho.

Podemos dizer que a primeira questão que emerge com a hospitalização é a morte, que não apenas estará ligada à situação de morte real, mas à morte simbólica, às perdas impostas pela doença e consequente internação.

A criança se vê privada de suas roupas, hábitos, rotina, seus familiares e amigos, tendo que se adaptar a uma nova rotina com horários pré-determinados para comer, dormir, ir ao banheiro e receber visitas. Algumas vezes, tendo de compartilhar o quarto com alguém desconhecido, sendo manipulado por pessoas estranhas, sofrendo diversos exames e tratamentos invasivos e dolorosos. Tais situações equivalem a uma ver-

dadeira ameaça de morte. Há uma ruptura em sua história, dando conta de que não é mais o mesmo, sendo tomado por sentimentos como o descontentamento, a angústia, a sensação de abandono, o medo do desconhecido e da morte. Tal situação poderá mobilizar fantasmas e oportunizar o surgimento de condutas regressivas, decorrentes da própria maneira como o sujeito é tratado pela equipe hospitalar.

A vida no hospital é desconcertante, o tempo é implacável e o espectro da morte ronda a todos. Lidar com perdas é doloroso, mas o luto é uma reação absolutamente sadia e faz parte do processo de desligamento do objeto perdido.² Este desequilíbrio temporário, entretanto, pode oportunizar novas adaptações e reajustes, permitindo um movimento em direção à transformação e a um novo começo.

O HUPE é uma Instituição Estadual, ligada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atuamos na Enfermaria de Pediatria que está capacitada a atender 18 crianças, entre 0 a 12 anos; na Enfermaria de Cirurgia Pediátrica, com 15 leitos e no Isolamento, com 4 leitos. A clientela é proveniente de todo o Estado do Rio de Janeiro, principalmente da Baixada Fluminense e, na sua maioria, apresenta patologias que requerem tempo de internação prolongado e reinternações frequentes.

Ao pensarmos no desconforto, no isolamento, e sofrimento dos pais e acompanhantes e, sendo o hospital um ambiente inóspito e impessoal, nos mobilizamos para a criação de Oficinas de Arte e de Reciclagem, como mais um canal de escuta e elaboração.

O fazer artístico, por si só, revela-se terapêutico, uma vez que desenvolve a criatividade, o autoconhecimento, a sensibilidade, promove o relaxamento, a descoberta de novas possibilidades e um novo olhar para a vida. Dessa maneira, resolvemos lançar mão de técnicas expressivas facilitadoras, permitindo a compreensão e transformação do vivido no hospital.

A Arteterapia é uma prática terapêutica transdisciplinar e integrada aos outros saberes como educação, psicomotricidade, saúde e arte, com a finalidade de resgatar a dimensão integral do homem bem como os processos de autoconhecimento e de transformação pessoal.³ Tal prática

se utiliza de técnicas expressivas como o desenho, a pintura, sucata e outras mais, usadas como mediadoras, sem levar em conta o estético. Através de materiais diversos o sujeito pode simbolizar, facilitando seu contato com aspectos a serem compreendidos e transformados.

As “Oficinas de Arte e Reciclagem” fazem parte das “Ações Interativas” do “Brincar é Viver” e tem a intenção de valorizar e resgatar os vínculos familiares e afetivos; criar um espaço de livre expressão que favoreça o alívio da dor e do estresse do paciente e seu acompanhante, promovendo uma melhor aderência ao tratamento.

Organizamos oficinas que facilitem a confraternização das mães com a enfermagem e o pessoal de apoio e que remetam à feminilidade – já que na sua maioria a presença é de mulheres - e à criatividade. Ao mesmo tempo de forma lúdica e terapêutica buscamos oportunizar o fazer durante a permanência no hospital. Priorizamos oficinas que apresentem um lado prático e objetivo, valorizando trabalhos com sucatas, por ser material de fácil acesso, não demandar custos e estimular a reconstrução, a criatividade, as percepções, a atenção, a transformação, o concreto e a mudança. O que era considerado sem utilidade, possibilita novas estruturas e destinações de aproveitamento.

Tudo acontece por um breve momento, tempo suficiente para operar transformações, pois as oficinas são pontuais e de caráter estruturante.

Na enfermaria de pediatria do HUPE não há um espaço delimitado para o exercício de tal prática, fazemos, uso do improviso e aproveitamos os vários ambientes disponíveis: refeitório, boxes, corredores, varandas ou onde for possível. Montado o espaço é feito o convite que nem sempre é aceito. O “Brincar é Viver”, facilita o “não”. O medo e a inibição dificultam a expressão e causam um distanciamento do fazer⁴, mas ao criarem seus trabalhos, expressam seus sentimentos e os transformam. É a materialização da subjetividade, um ganho na autoestima, na percepção do que pode ser feito. É o resgate de si mesmo, da criatividade e da espontaneidade.

Já vínhamos também, pensando em utilizar as paredes da enfermaria como suporte para as intervenções artísticas das crianças, pais e equipe daquela unidade, quando ganhamos móveis de

flores de papel crepom. Assim, com o desejo de produzir transformações, partimos em busca de autorização junto a enfermeira - chefe que prontamente acolheu a ideia e incentivou o nosso movimento e, a partir daí, decoramos os corredores, as portas, o refeitório...

O resultado foi surpreendente, os efeitos foram sentidos por todos que, na sua grande maioria, relatavam a sensação de maior acolhimento e bem-estar, sendo também, notado pela equipe técnica a mudança na postura e humor das pessoas, assim como o poder da arte e da cor na transformação de um ambiente impessoal como o do hospital. Interessante relatar que essa decoração permaneceu por longo tempo e qualquer tentativa, de nossa parte, para a retirada e substituição, era logo sustada pelo grupo.

Resolvemos então, deixar as flores e, aos poucos, fomos acrescentando novos detalhes à decoração. Assim surgiram pipas, cata-ventos e desenhos coloridos. Mais tarde, ainda com a aceitação de todos, foram adicionados outros temas, agora ligados as datas festivas. Com a chegada da Primavera e a necessidade de substituir as antigas flores, já gastas pelo tempo, começamos a construir novos arranjos com a adesão das mães. Logo, estávamos todos recortando, colando flores, folhas e decorando todo o espaço da enfermaria.

Outra ação interativa é a nossa prática de, no final do ano, encenar um mesmo conto de Natal, com adaptações diferentes a cada ano. Nessas ocasiões, crianças e acompanhantes ajudam a construir e enfeitar uma árvore de Natal. A mobilização da enfermaria é total. Mães, crianças, equipe médica, enfermagem e demais serviços participam intensamente do momento.

Considerações finais

As longas internações, o medo, a culpa, o luto antecipado, as condutas e os procedimentos que, embora necessários, são dolorosos e invasivos, também contribuem para tornar o ambiente hospitalar amedrontador e, muitas vezes, mobilizador. Podemos perceber a importância das “Ações Interativas” que nada mais são do que alternativas de aproximação da criança hospitalizada com seu acompanhante, destes com os profissionais da enfermaria e, de cada sujeito com ele mesmo. Ou seja, são agentes facilitadores para a

manutenção das relações familiares, religando os sentimentos e emoções paralisadas pela situação de hospitalização.

Outro ponto a se destacar é a importância dada ao calendário festivo, através de atividades que valorizam datas e acontecimentos. Seu valor se faz presente, ao promover a (re)significação da descontinuidade e fragmentação do tempo ali vivido. Elas promovem a sensação de inclusão e participação, trazendo o cotidiano conhecido para o interior do hospital.

Todas essas ações concorrem para tornar o ambiente hospitalar mais atraente, alegre, descontraído e acolhedor, ampliando o processo de humanização do espaço hospitalar e promovendo uma melhor aderência ao tratamento.

Referências

- 1.COSTA, Eduardo e Mello, Henriete Sousa – Profilaxia Psicomotora Hospitalar: Projeto Brincar é Viver in: MATOS, C. (Org.), *Psicomotricidade Clínica*. SP: Lovise, 235 p., 1. ed, 2002.
- 2.PORTO, Olivia. *Psicopedagogia hospitalar Intermediando a Humanização na Saúde*. Rio de Janeiro: Wak, cap 3, p. 63, 120 p, 1. ed, 2008.
- 3.GONÇALVES, Monica. Morte e Castração: um Estudo Psicanalítico sobre a Doença Terminal Infantil. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*. CRP n.1, p 30 a 41, março 2001.
- 4.BERG, Rodolfo. Transdisciplinaridade, Complexidade e Consciência: da lagarta à borboleta, uma metamorfose paradigmática. *Arteterapia – Coleção Imagens da Transformação*. Clinica Pomar n.11, vol.11, p.274 a 278, 2004.
- 5.REICH, Eva. *Energia Vital pela Bioenergética Suave*. São Paulo: Summus. 152 p., 1. ed.1999.

Abstract

This study reports part of the extension project *Brincar é Viver* from Universidade do Estado do Rio de Janeiro that is carried out at Pedro Ernesto University Hospital (UERJ) in the workshops *Oficinas de Arte e Reciclagem*. The participants of these workshops include patients and their families, the nurses and the staff of the pediatric sector. The project primarily aims at strengthening family and emotional links by creating a friendly environment in which the participants feel comfortable to freely express themselves and therefore contributing to a more effective treatment. The statistics indicates that the patients have experienced a significant improvement in their moods and, as a consequence, they acquired a new attitude towards the traumatic situation of disease. This attitude has also enabled them to resume their emotional connections.

Keywords: Art, Humanization, Hospitalization, Pediatric.